

## Dividido entre o Ir e o Ficar: o Dilema Cabo-verdiano em *Chuva Braba*, de Manuel Lopes<sup>1</sup>

### Torn between Leaving or Staying: the Cape verdean Dilemma in *Wild Rain*, by Manuel Lopes

ADRIANNE GONÇALVES CARVALHO  
 Mestranda do PGLetras/UFMA  
[adriannecarvalho35@gmail.com](mailto:adriannecarvalho35@gmail.com)

#### RESUMO

Manuel Lopes afirma de forma categórica em suas obras, por meio de seus personagens, o amor que sente por sua terra natal, algo que não difere no romance *Chuva Braba*. Por meio dos dilemas vividos pelo nome principal do livro, sendo o central a ida ou permanência de Mané Quim no país insular, lemos uma carta de amor à Cabo Verde nas páginas de *Chuva Braba*, a terra-mãe de ambos: Mané Quim e Lopes. Nessas linhas, a relação de segurança, confortabilidade e amor existente entre Quim e sua terra natal é ameaçada por fatores para além de seu poder, o que acaba fazendo com que esses sentimentos se fortaleçam. Em síntese, vemos muitos conceitos da Geografia Humanista Cultural que oferecem uma possibilidade de diálogo com a publicação de Lopes, como conceitos derivados dos estudos de Yi-Fu Tuan (2013), ao versar sobre topofilia e topofobia, assim como pensamentos teorizados por Edward Relph (1976), quando trabalha com definições como lugar com lugaridade e lugar sem-lugaridade, além da possibilidade de análise por meio da geograficidade, terminologia oriunda dos preceitos de Dardel (2015).

**Palavras-chave:** *Chuva Braba*. Geografia Humanista Cultural. Literatura Africana de Língua Portuguesa. Manuel Lopes.

#### ABSTRACT

Manuel Lopes categorically states in his body of work, through characters, the love he feels for his homeland, which undeniably translates in his novel *Wild Rain*. Through the main character's dilemmas, to go or to stay being the main conflict, the pages of *Wild Rain* unfolds a love letter to Cape Verde, the motherland to both Mané Quim and Lopes. In this direction, the relationship implying security, comfort and love which exists between Quim and his homeland is threatened by elements which go beyond his own power, something which he held no control over and which strengthens those feelings. In summary, we see many concepts of Cultural/Humanist Geography that offer a possibility of dialogue with Lopes's publication, as concepts derived from the studies of Yi-Fu Tuan (2013), when dealing with topophilia and topophobia, as well as thoughts theorized by Edward Relph. (1976), when working with definitions such as place with place and place-without place, besides the possibility of analysis through geography, terminology deriving from Dardel's precepts (2015).

**Keywords:** *Wild Rain*. Cultural/Humanist Geography. African literature in Portuguese. Manuel Lopes.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte do trabalho monográfico “Entre retirantes e imigrantes: a relação homem-terra em *O quinze* e *Chuva Braba*”, apresentado para obtenção de título de licenciada em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Nessa aceção, por meio desse delineamento, temos como foco o livro cabo-verdiano que, ao ser analisado sob o viés da Geografia Humanista Cultural, doravante GHC, objetiva compreender

<sup>1</sup> Artigo submetido para avaliação em 10/10/2019 e aprovado em 20/10/2019.

melhor a relação ser-estar do homem no mundo por meio do personagem Mané Quim, protagonista do título de Lopes.

Dividido em 20 capítulos, o livro narra a história de Mané Quim em duas partes. Devido à forte estiagem que assola as plantações de Ribeira das Pratas, onde mora o protagonista e sua família, Mané Quim é convidado por seu padrinho, Joquinha, a tentar a vida no Brasil. Entretanto, Mané Quim não se sente confortável com essa situação devido ao grande apego que sente por sua região, de modo que decide permanecer em sua terra e esperar que as coisas melhorem. Isso não acontecendo, o leitor chega à segunda parte do livro, na qual, ainda sofrendo as consequências da estiagem, se vê forçado a ir rumo ao Brasil junto do padrinho e parte para Porto Novo, uma das ilhas de Cabo Verde, onde as pessoas embarcam para a América até na atualidade. Porém, o que não se esperava torna-se realidade. Ao testemunhar uma forte chuva, a chuva braba que dá nome ao livro, decide não ir embora de Ribeira das Pratas, declarando o seu amor por sua terra natal de maneira conclusiva. O veredito pessoal de Mané Quim em não partir, ainda que dividido entre o ir e o ficar em alguns momentos, reverbera o ideal do Movimento Claridade, em que assumem um amor incontestável por Cabo Verde, independente das inúmeras adversidades na vida cotidiana.

O apego telúrico presente na obra constitui uma forma de “administrar” os pensamentos e decisões de Mané Quim. Os dois espaços existentes na obra – rural e litorâneo – representam a dualidade entre os quereres de Mané Quim, que, de acordo com o espaço em que está inserido, mudam. O mar, envolto pela ideia das grandes navegações, descobertas, liberdade, incita o jovem a ir em busca de um novo caminho, o Brasil, enquanto o cenário rural, ligado à terra, firmeza, segurança, o estimula a conservar-se em sua morada. Todos esses pontos podem estar sob a lupa da observação da GHC, que encontra, nos escritos de Lopes, significações humanas coadunadas à paisagem.

## **2 POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL**

A literatura, por meio da criação estética, prioriza o belo, enquanto a geografia, uma ciência, muitas vezes revestida de um caráter positivista, prioriza um estudo ambiental e social, o que, em uma visão crua, pode parecer imiscível. No entanto, esse distanciamento não passa de uma visão didática a qual não cabe mais na modernidade que, por sua vez, anseia por uma visão mais interdisciplinar, dada a relevância de compreender os conteúdos em sua totalidade e não de forma fragmentada; a necessidade de ver o mundo por uma lente mais

ampla, onde tudo acontece em paralelo e de forma orgânica, já que acontecimentos e estudos não são episódios engavetados em pequenos armários drasticamente separados e que não se conectam em nenhum momento. (FREITAS, 2017 *apud* MARANDOLA JUNIOR, 2009).

A concatenação de ideias entre literatura e geografia pode ser percebida por um conceito chave nas duas áreas: espaço. A conceituação que ronda a terminologia espaço é uma das noções basilares da GHC, à medida que na literatura não é diferente. Quando falamos dos componentes essenciais das narrativas, junto aos personagens, estrutura, foco narrativo, ação e tempo, está o espaço. No entanto, o espaço oculta em si uma gama de possibilidades interpretativas, como pontua o autor de *Espaço e romance*:

Entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o *espaço* pode alcançar estatuto tão importante quanto os outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. É bem verdade que, reconheçamos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda, esta bem mais fascinante!, é a de ir-se descobrindo-lhe a *funcionalidade* e *organicidade* gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. Em resumo: cabe ao leitor descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo. (DIMAS, 1987, p. 5-6, grifos do autor).

Com base na citação de Dimas, vemos que a importância do espaço na narrativa é oscilante: se em um momento pode ser vital para a literatura produzida, em outros, torna-se mera coadjuvante. Dessa forma, no intuito de haver maior valorização desse ingrediente narrativo, desponta a teoria da recepção, comentada por Luis Alberto Brandão em sua obra *Teorias do Espaço Literário*, de 2013. O autor versa que, dessa forma, o espaço “passa a ser concebido segundo um sistema, simultaneamente cultural e formal, de ‘horizontes de expectativas’, o qual define a variabilidade histórica dos significados espaciais” (BRANDÃO, 2013, p. 32). Sob uma perspectiva que dialoga com a antropologia literária<sup>2</sup>, a interpretação do espaço literário parte de uma interpretação pessoal do homem, ou como Brandão define (2013, p. 34), uma “autointerpretação do homem”.

Essa óptica de compreensão é muito similar à ideia da experiência evidenciada por Yi-Fu Tuan, um dos maiores nomes da Geografia Humanista Cultural e pensador chave

<sup>2</sup> Gregory Bateson (1986), antropólogo, cientista social, linguista e semiólogo inglês, afirma que palavras e ações são desprovidas de quaisquer significado se tiradas de contexto, sejam esses discursos, narrativas ou etnografias. Para ele, narrar simboliza uma viagem, na qual, por cada passagem, várias aldeias são criadas, não importando a distância. Sob essa perspectiva, Ávila (2007, p. 27) comenta os pensamentos advindos dos estudos de Bateson: “Narrar por meio de um olhar antropológico é fazer um percurso que vai do visível ao invisível, até chegar a uma possível compreensão de como algo é aquilo que é, e não uma outra coisa.”, preceitos-chave do que compreendemos como antropologia literária.

de grandes conceitos da área, âmbito do espaço e lugar, o que nos permite correlacionar o espaço nas duas áreas, porém, antes mesmo que Tuan tivesse a oportunidade de trazer seus conceitos à tona, outro pensador já havia percebido e teorizado sobre essa possibilidade: Gaston Bachelard.

A obra de Bachelard foi vanguardista nessa temática, possibilitando o desenvolvimento dos estudos do espaço na literatura, não se prendendo a um gênero específico, muito pelo contrário, visto que seus estudos sobre o espaço literário permearam o campo das peças teatrais, romances, poemas, novelas etc, com análises que também abraçam diferentes espaços, a citar, espaços aéreo, terrestre, aquático, de residência e qualquer outro espaço que traduza uma inspiração romântica (BRANDÃO, 2013). O que difere as análises espaciais na literatura de Bachelard do que vemos com mais frequência atualmente é o grande teor idílico presente em sua obra, uma idealização do espaço, o que nem sempre abrangerá muitas obras que podem ser estudadas por esse viés:

A obra – imensa – de Bachelard, as descrições dos fenomenólogos nos ensinaram que não vivemos num espaço homogêneo e vazio, mas ao contrário, num espaço todo carregado de qualidades, um espaço que talvez seja também povoado de fantasmas; o espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões possuem em si mesmos qualidades que são como que intrínsecas; trata-se de um espaço leve, etéreo, transparente, ou então de um espaço obscuro, áspero, acidentado: trata-se de um espaço do alto, um espaço dos cumes, ou, ao contrário, de um espaço do baixo, um espaço do limo, um espaço que pode ser corrente como água viva, um espaço que pode ser fixo, imóvel como a pedra ou como o cristal. (FOUCAULT, 2001, *apud* BRANDÃO, 2013, p. 92).

Nessa lógica, pretendemos trazer à baila uma análise que priorize os dois campos de estudo aqui expostos, no qual tanto literatura e geografia possam dialogar entre si, com vistas a uma melhor visão do sentido do estar e viver do homem no mundo.

### **3 A ESTIAGEM E SEUS DILEMAS: PARTIR OU PERMANECER?**

O romance de Lopes está dividido em duas partes que acompanham as duas paisagens presentes na obra, a rural e a litoral, de forma que podemos notar divergências estruturais por parte dos ambientes e que refletem de modo significativo as ações do protagonista. Sendo uma obra que explicita o grande vínculo do homem cabo-verdiano com a sua terra-mãe, visto que é fruto do Movimento Claridade, o qual clama para si o amor pela terra, um louvor e enaltecimento da pátria mãe, há, durante toda a narrativa, questões que abarcam os sentimentos topofilicos, a espaciosidade, o apinhamento, o enraizamento, a lugaridade e o não-lugar, termos oriundos da GHC. Logo nas páginas iniciais de *Chuva*

*Braba*, Mané Quim é convidado pelo padrinho para partir rumo ao Brasil, pois Cabo Verde, castigado por uma forte estiagem, está em situação calamitosa e que só trará sofrimento a quem ali permanecer segundo o próprio narrador, afinal, a plantação e os animais, fonte primária da economia local, perecem com a situação, conseqüentemente, flagelando todos que dependem dessa fonte de renda, o que inclui Mané Quim e os seus:

Joquinha meteu o lenço no bolso e rotomou o fio:

- Como ia dizendo, fiquei espantado quando não vi água caindo das rochas como antigamente. Isto está ficando ruim, está ficando medonho, rapazinho. Regadios mingando, as moitas de verdura morrendo de sede, se refugiando, junto das nascentes cada vez mais escassas... Quem viu estas chãs antigamente e quem as vê agora!

[...]

Está ficando medonho, ora sim. Certamente tens de procurar outra vida, isto é que tens de fazer. Aproveitar a oportunidade e tomar uma decisão. Porque um aguaceiro à toa sobre estes campos ardidos não remedeia nada. Não impedirá que as plantas morram à míngua, agarradas aqui e ali aos pingos de água dos recôncavos. Seria preciso que uma chuva caísse sobre o molhado da outra e assim por diante até virar como antigamente. Mas não vejo jeito, não vejo jeito... (LOPES, 1982, p. 13-14).

Nessa situação calamitosa, o padrinho, ao crer que faz bem ao jovem, não demora a impor a Mané Quim a vida em Manaus, no seio do rio Amazonas, onde julga uma terra de fartura, comodidade e riqueza: “Nunca gostei de fazer as coisas a voar. Agora está decidido, te levarei comigo para Manaus. Pensa bem então. Vai consultar a comadre Joja, estudem bem estudado antes de tomarem qualquer decisão” (LOPES, 1982, p. 15). Entretanto, ainda que recebendo a oportunidade de sonho de muitos de seus conhecidos, com a chance de um recomeço em uma terra próspera, Mané Quim, em nenhum momento, responde com segurança às investidas de Joquinha, e o motivo é nítido: a esperança que tudo melhorará em Ribeiras das Pratas.

Trabalhador rural, Mané Quim vive e provê o sustento da família por meio do Ribeirãozinho, sua pequena propriedade de terra, na qual cultiva suas plantações e seus animais. O vínculo entre Mané Quim e Ribeirãozinho é expresso na obra inúmeras vezes, demonstrando a verdadeira adoração que sente por seu pedacinho de chão. Em uma conversa com o amigo Zé e o padrinho Joquinha, pessoas que não acreditam em uma melhora para a situação de Ribeira das Pratas, Mané Quim manifesta a esperança que alimenta que dias melhores chegarão à região, o que permitiria sua estadia:

- O que é verdade, Zé, é que tudo vai ficando pior de ano para ano. Toda a gente o diz e eu tenho olhos e vejo. Tu então não te lembras como isto era antigamente, quando eras menino?

- Nisso ocê tem muita razão. Mas quem não diz a nós que um dia tudo vira – e o que é mau fica bom: Porquê que bom há-de virar mau, e não há-de mau virar bom? É questão de cair para um lado ou de cair para outro lado. Pois ocê fique sabendo que

tem tido uns anos de fartura que até parece que pedra dá comida. E o que é seco hoje é molhado amanhã. (LOPES, 1982, p. 17).

O grande elo entre Mané Quim e o Ribeirãozinho é expresso, de forma contundente, em uma conversa não muito demorada com um senhor da região chamada Zé Viola, que, por mais que note a grande hesitação de Mané Quim em partir, vê no jovem uma pequena faísca que, talvez, o leve à partida. Nesse diálogo, Zé Viola profere:

A gente não sabe onde é que está o lugar melhor. Se um dia me tirassem daqui e viesse depois uma chuva rija, seria para mim uma grande dor de alma. Quando a alma dói uma criatura não fica bem em qualquer parte. É o que digo ocê. Mesmo que meu destino fosse Brasil ou América. (LOPES, 1982, p. 18).

O desassossego do jovem trabalhador rural aumenta, sente-se como um traidor ao considerar a partida de Ribeira das Pratas. Assim como os dizeres de Zé Viola, somente a possibilidade de ir embora de suas terras causa tremenda dor e pesar ao moço que, desde a oferta do padrinho, perdeu a paz de espírito: “Mas Mané Quim não levava a paz consigo. Acompanhava-o o desassossego e uma indizível ansiedade, uma sensação de culpa como se tivesse forçado a contribuir para um acto criminoso, acto esse que o privasse, ao mesmo tempo, dum bem indispensável” (LOPES, 1982, p. 19).

Notemos os termos utilizados pelo narrador, palavras como “culpa” e “acto criminoso” são utilizadas em referência aos sentimentos concernentes a uma factível ida ao Brasil. Mané Quim, ao se ver questionando sobre uma provável partida de Cabo Verde, se enxerga como um malfeitor, um criminoso. Aqui temos um elo tão profundo que, como cidadão cabo-verdiano, deixar a sua terra, por ora, é algo inimaginável; a permanência em sua terra-mãe é o que chama de bem indispensável, é a gratificação de ser quem é e de se fincar onde deve estar. Dessa forma, há, na relação entre Mané Quim, Ribeirãozinho e Ribeira das Pratas, uma topofilia<sup>3</sup> tão intensa que faz com o que o rapaz se sinta incapaz de ir para longe. Como afirma Bachelard (2008, p. 158), em uma situação desse porte, “ele se instala no lugar. Feliz num pequeno espaço, realiza uma experiência de topofilia”.

Mané Quim, apesar de todos os percalços oriundos da terra, se encontra completo e realizado nela, não tem aspiração de se encontrar em outro lugar. Casos como esse, segundo Tuan, é quando acontece o enraizamento. Em seu artigo “Rootdness versus Sense of Place” (1980), o geógrafo define enraizamento como: “Rootdness is its essence means being

---

<sup>3</sup> Derivado dos pensamentos de Bachelard, o termo topofilia “é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. (TUAN, 2012, p. 135-136). Tuan assinala a importância da experiência humana para a construção desses laços, que emanam de questões que se voltam para afetividade, segurança e amor com a terra, seja esse um ambiente natural ou construído. Com base na percepção topofílica, o autor procura compreender de forma mais eficaz a condição humana.

completely at home – that is, unreflectively secure and comfortable in a particular locality. It therefore excludes not only anxiousness and curiosity about what lies beyond the next hill, but also what lies beyond present time”<sup>4</sup> (TUAN, 1980, p. 5).

Outro fator que contribui para o grande laço afetivo existente entre Mané Quim e sua terra natal é seu ofício como agricultor. Tuan (2012, p. 140) comenta que “o apego à terra do pequeno agricultor camponês é profundo, conhecem a natureza porque ganham a vida com ela”, e logo após continua: “para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo. O agricultor não é exceção. Sua vida está atrelada aos ciclos da natureza; está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas; apesar de dura, ostenta uma seriedade que poucas outras ocupações podem igualar” (TUAN, 2012, p. 142). Todo o valor do mundo de Mané Quim está ligado à sua pequena propriedade rural, lugar onde vive e retira todo o material de subsistência, assim como o de sua família.

A ansiedade e o medo de Mané Quim não é resultante do querer ver e estar em outros lugares, como é notável em distintas partes do texto em que ele se manifesta sem a vontade de cruzar os mares, como podemos ver em passagens, como, ao conversar com sua pretendente, Escolástica, revela suas verdadeiras intenções quanto à permanência em sua cidade, ao relatar a dor da alma se tiver que partir ou em uma conversa com Nhô Lourencinho, um velho sábio da região:

- Eu não tenho vontade... Ela interrompeu sem desviar os olhos do caminho:  
 - Tu era capaz de largar nha Joja pr’ ai sozinha? – Dentro dela era outro pensamento. Muito acima de nha Joja e de todos os interesses do namorado estava ela. Ele falou com humildade:  
 - Eu não disse que ia nem que não ia. Tenho mais vontade de ficar aqui. (LOPES, 1982, p. 27).

[...]

Eu não tenho nenhuma vontade de ir embora. – Era o estribilho. Acrescentou logo, para variar: Assim como assim, quem larga a terra perde a alma, e não quero perder a minha – e calou-se envergonhado. (LOPES, 1982, p. 62).

[...]

- Mas eu não quero ir daqui – balbuciou este por fim, para quebrar o silêncio. Não quero ir daqui. Eu...  
 - Ahn? Atalhou nhô Lourencinho. Sou eu que estou a falar agora, meu rapaz. Duas pessoas não falam por uma. Ou bem um ou bem outro. Fica quieto – e chispou um olhar de aço, indignado.  
 O velho tinha mal gênio. Mané Quim recuou um passo.  
 - Então... – volveu nhô Lourencinho, com as sobranceiras em arco e um sorriso diplomático na cara impassível. Não queres sair daqui, ahn? Pois tu vais, tu vais e já

<sup>4</sup> “Enraizamento em sua essência significa estar completamente em casa – isto é, seguro e confortável de maneira não intencional em uma determinada localidade. Portanto, exclui não apenas a ansiedade e a curiosidade sobre o que está além da colina, mas também o que está além do tempo presente.” – tradução nossa.

não voltas mais. Dize que é que eu disse. Sentido na cabeça de rapaz é como mosca de burro: tanto morde que bicho perde tino. Já fui rapaz também. E se não fiquei em S. Vicente é porque não tinha criação nem sangue pr'aquelas basofarias. E mesmo ia perdendo a alma...

Mané Quim criou coragem, atirou-se de cabeça:

- Quem disse ocê que eu vou? Eu não quero ir nada. Já dei fala a nhô João Joana, ele prometeu emprestar-me dinheiro para explorar a nascente do Ribeirãozinho... (LOPES, 1982, p. 58).

Em Ribeira das Pratas, há segurança, confortabilidade, amor e conexão com a terra, entretanto fatores externos desequilibram essa relação, porém, ainda assim, Mané Quim resiste em ir embora, sempre frisando seu real desejo de conservar-se em seu lugar. Lugar, pois, como comenta Tuan (2013), todas essas sensações que emanam da relação do agricultor com sua localidade configuram um elo tão forte que não se pode separar. Entre Mané Quim e sua terra, há um sentimento puro, uma verdadeira forma de enaltecimento do lar. Lar, nesse contexto, é a melhor definição do elo existente entre Mané Quim e Ribeira das Pratas, dado que lar “é onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence” (RELPH, 2004, p. 24). Assim, toda essa região, mais que uma morada, torna-se um habitar, é ali onde se ajusta ao compasso da natureza, integralizando-se com ela, aos seus mandados, pois, como comenta Buttimer, 1982, p. 166, “Habitar significa mais que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza”.

Outra questão pertinente ao apego de Mané Quim com a sua região é a grande liberdade que advém do seu contato telúrico com o berço de origem. Envolto em tanta culpa por ao menos cogitar uma partida, o jovem começa a realizar grandes caminhadas pelo Ribeirãozinho, em um momento de contato tão íntimo com a terra, em que, preso à culpa e tristeza decorrentes da proposta de Joquinha, era o único momento em que sentia paz e liberdade, o único momento em que havia paz em ser quem verdadeiramente se via ser:

Enquanto palmilhavam os intermináveis caminhos da ilha, sentia-se livre, sem preocupações, livre como as cabras soltas no campo; se lhe desse na veneta descansava uns momentos às sombras das árvores ou dos penhascos, bebia um gole de água do buli amarrado à cinta, mastigava um naco da comida-de-caminho; [...] Como era saber ser livre por umas horas! De sol a sol, por estradas e atalhos, pelas ribeiras arborizadas, pelas planícies intermináveis, pelos planaltos escalvados! Não se importava de caminhar o dia inteiro com o balaio cheio à cabeça. Era quando a alma se lhe tornava mais leve, e o coração tuc-tuc no peito cantava de alegria. (LOPES, 1982, p. 41).

[...]

Ai a minha vida cheia de apoquentações, se não é uma coisa é outra, Jesus Cristo!... Não deixou a mãe dizer mais nada. Saiu logo, respirando fundo, tomou a vereda que ia direto à ponta da chã. Desceu a rampa às carreiras, e em poucos minutos galgou a encosta da outra chã. Ficava um pouco arredada a cada de nhô Sansão, um tal subir



para chegar lá, mas Mané Quim sentia necessidade de andar, e seria um alívio para ele escutar as falácias do velho depravado. (LOPES, 1982, p. 60).

Tal liberdade expressa acima, no contexto da GHC, é caracterizada como espaciosidade:

Espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientemente em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que essa transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente. Uma pessoa imóvel terá dificuldade em dominar as ideias elementares de espaço abstrato, porque tais ideias se desenvolvem com o movimento – com a experiência direta do espaço por meio do movimento. (TUAN, 2013, p. 70).

Em um momento em que se sente ultrajado pelo convite de Joquinha, pois “o padrinho tirou-lhe a paz do coração” (LOPES, 1982, p. 55), seu único refúgio é a relva pela qual caminha, onde encontra, por um breve momento, felicidade e plenitude, um bem-estar que, em função dos últimos momentos vividos, não está mais presente em sua vida diária. Assim, novamente, comprovamos a estreita ligação de Mané Quim e seu canto no mundo. Ao trabalhar o conceito de lar, Relph (2014, p. 24) argumenta que é “onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence”. Em suas caminhadas em busca de liberdade, Mané Quim vive e se encontra, por um breve momento, em seu mundo singular, algo que pertence somente a ele, um lar. Ainda que não construído de forma física, o Ribeirãozinho configura-se como seu lar nessa acepção.

Nessa compreensão, Ribeirãozinho pode ser caracterizado como a casa de Mané Quim: “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (BACHELARD, 2008, p. 36). Logo, ao caminhar pelo relvado do Ribeirãozinho, Mané Quim sente pela primeira vez, em toda sua jornada de indagações e dúvidas, estabilidade e segurança de poder estar onde pertence: “Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso” (BACHELARD, 2008, p. 26). Quando foge ao encontro de Ribeirãozinho, sente-se protegido de suas aflições, medos e preocupações. Retorna a si e a sua felicidade.

Mané Quim, ao longo de suas incontáveis e intermináveis conversas com colegas de profissão, vizinhos, interesse amoroso, mãe, e todo tipo de pessoa que encontra pelo caminho, sempre escuta inúmeras opiniões sobre a permanência em Cabo Verde ou partida para o Brasil, algo que o deixa em um estado de dúvidas extremamente conflitante, situação também esperada, pois, como Tuan (2012, p. 136) pontua, “a topofilia não é a emoção humana mais forte”, de forma que, por vezes, por mais que tenha uma opinião forte quanto a

sua morada em Ribeira das Pratas, se sente tentado a desvelar uma nova vida nas margens do Amazonas: “Mas opiniões eram contraditórias, sentia crescer mais o seu embaraço sobre qual decisão tomar. Perdeu o tino do seu trabalho, tornou-se macambúzio e vadio” (LOPES, 1982, p. 56).

Nessas ocasiões em que a dúvida tomava conta de seu ser, o jovem se dirigia ao seu porto seguro, o Ribeirãozinho, por quem, assim como toda a extensão de sua terra, sentia verdadeira adoração, apesar das dificuldades enfrentadas:

Tal era o mundo de Mané Quim. Mundo acanhado esse – meia dúzia de socalcos, a levada sequiosa, uma nascente moribunda – mas que lhe bastava. Bastava-lhe porque acreditava no futuro do Ribeirãozinho. Havia umas coisas incompletas ali, que não tinham tocado os limites: talvez os pilares não construídos ainda, talvez a água que havia de voltar à nascente e molhar a terra sedenta até o último palmo. Esta esperança era um laço. E tudo seria possível – todos os planos e todas as lutas – enquanto o laço se não desfizesse, ou não se quebrasse o fio que o amarrava àquele sonho. (LOPES, 1982, p. 76).

Na tentativa de acomodar-se em seu lar, Mané Quim direciona todas as suas tentativas para que o Ribeirãozinho prospere, em tentativas de cavar a terra e encontrar água para manter sua produção (vide LOPES, 1982, p. 58 – citação supracitada). Essa insistência parte do princípio de que Mané Quim, guiado pelos conselhos de nhô Lourencinho, acredita e sente firmemente que, ao deixar sua terra, perderá sua alma: “Quem larga a terra perde a alma, fica exatamente cachorro que perdeu o dono, porque dono é que é sua alma; repara como cachorro anda quando o dono abandona; não aqui nem acolá, sem destino direito.” (LOPES, 1982, p. 59).

Nessa perspectiva, Mané Quim compreende a terra como sua dona e que, sem ela, estará desamparado, em um pensamento muito similar ao que Said (2003) percebe como desenraizamento. O não pertencimento, a descontinuidade do ser. Experiência como essa, ao ser contada por nhô Lourencinho a Mané Quim, o aterroriza, fortificando seu desejo em manter-se em sua casa: “- Olha – disse de repente pondo de novo o indicador em movimento. Quem vai longe não volta mais. O corpo pode um dia voltar, mas a alma, essa, não volta mais.” (LOPES, 1982, p. 57).

Com esse excerto, podemos perceber o sentimento de exílio provocado pelos que, nesse contexto, saem de suas terras impelidos pelas condições climáticas, assim como cita Said (2003, p. 60):

Para o exilado, os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo ambiente correm inevitavelmente contra o pano de fundo da memória dessas coisas em outro ambiente. Assim, ambos os ambientes são vívidos, reais, ocorrem juntos como no contraponto. Há um prazer específico nesse tipo de apreensão, em especial se o

exilado está consciente de outras justaposições contrapontísticas que reduzem o julgamento ortodoxo e elevam a simpatia compreensiva.

Em uma situação dessa, que nem concreta ainda era, o medo de tornar-se uma pessoa sem lugar, sem pertencimento, toma conta de Mané Quim, que, sem saber, transparece em suas ações o conceito que Relph intitula como não-lugaridade. Em direção a uma realidade que poderia vir a ocorrer, o pavor de não se encaixar em um novo espaço, transformando-o em lugar, cria em Mané Quim o sentimento de um lugar-sem-lugaridade, pois não se vê pertencente a outra realidade geográfica que não a sua. Para Relph (2014), o lugar-sem-lugaridade, diferente do lugar-com-lugaridade, não é vivido e experienciado de forma autêntica, enquanto o lugar é caracterizado por sua forma pulsante de exprimir a vida, sendo um local onde há “ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência” (RELPH, 2014, p. 31).

Contudo, decidido a permanecer em sua pátria, a reviravolta da história acontece. Nas inúmeras tentativas de fazer com que o Riberiãozinho frutifique, nenhuma das investidas é bem sucedida, o lugar, por mais contrária que fossem as vontades de Mané Quim, se encontra destruído: “O verde das plantas tinha ficado para trás. Agora era um estendal de calhaus, ruínas de antigos muros de vedação e currais, terra ardida”. Nesse momento, notemos a expressão “sem verde”. A cor verde, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), implica esperança, recomeço, sem essa possibilidade, por mais forte que seja a dor, angústia e medo do protagonista, ele opta por seguir caminho ao Brasil: “ – Não é preciso mais histórias – disse com impaciência e entonação decisiva. Eu vou com o padrim. – Repetiu: Vou com o padrim, não é preciso mais histórias” (LOPES, 1982, p. 106).

Em seguida, na procura por um recomeço, partem para o litoral. Em um primeiro momento, o sentimento de esperança move o rapaz - está decidido a ir para o Brasil -, no entanto as experiências oriundas do espaço mudam sua opinião.

Ao decidirem partir em direção ao Brasil, se deslocam para Porto Novo, onde se encontra o principal porto da ilha e de onde zarpam os navios para outros continentes até os dias atuais. O litoral é descrito da seguinte forma:

Porto Novo não tem montanhas. Ali há vento à solta, mar raso por aí fora franjado de carneirada. Há distância: um azul que navega e naufraga num mundo sem limites. Lá adiante fica S. Vicente, cinzento e roxo, roxo e cinzento, depois é só horizonte. O mar, quando cai a calma sobre o Canal, desliza ora para o sul ora para o norte, consoante a direção da corrente, como as águas dum rio que ora descessem para a foz ora remontassem da foz para a nascente. (LOPES, 1982, p. 111).

Logo no primeiro relato sobre Porto Novo, já conseguimos visualizar uma atmosfera completamente distinta de Ribeira das Pratas, a começar pela água. O excerto frisa o azul que contagia a cidade. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 107),

O azul é a mais profunda das cores: nele, o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito como diante de uma perpétua fuga da cor. [...] Domínio, ou antes, clima da irrealidade – ou da super-realidade – imóvel, o azul resolve em si mesmo as contradições, as alternâncias – tal como a do dia e a da noite – que dão ritmo à vida humana.

Acerca da perspectiva do mar, Dardel (2015, p. 21) comenta que “o mar mostra um ‘humor’ mais pacífico. [...] A civilização moderna multiplicou as facilidades e as tentações dessa relação concreta com o espaço móvel do mar.” Quanto às praias, segue dizendo que

Esse lugar privilegiado de um diálogo, ou melhor, esse diálogo material sem o qual o mundo não passa de um ‘mundo absurdo’, de um reconhecimento vazio. [...] Devido ao mar as praias estão em constante transformação. O espaço marinho está, sem cessar, em movimento; ele é uma potência, aquilo que a geografia científica chama de um ‘agente’ [...] Talvez seja frente ao espaço das águas que se mostra melhor a insuficiência de uma atitude puramente intelectual, de um saber que, instrumentado pela razão, reifica complacentemente os fenômenos.” (DARDEL, 2015, p. 22-23).

Ainda sobre a compreensão da expressão “praia desperta”, Carl Sauer (1963, p. 309 *apud* TUAN, 2012, p. 164) discorre: “nenhum outro ambiente é tão atrativo para o aparecimento do homem. O mar, especialmente a parte da praia que sofre a maré, apresentou a melhor oportunidade para comer, fixar, reproduzir e aprender. Permitiu provisões abundantes e diversas, contínuas e inesgotáveis”. Nessa acepção, a praia e a cor azul representam um conjunto de novas oportunidades, justamente o que Mané Quim procura ao adentrar nessa nova jornada: um recomeço. A ambientação do mar e da praia, ambos fundindo-se com a tonalidade azul, entusiasma o cabo-verdiano a partir.

Notemos a diferenciação entre as duas terras, Cabo Verde e o rio Amazonas. Ambas cercadas por águas, diferem em algo específico. Enquanto Ribeira das Pratas, lugar da partida de ambos, é uma ilha, uma porção de terra cercada por águas, o rio Amazonas se mostra o contrário, é um grande rio rodeado por terras. Esses significados antagônicos não são firmados pelo acaso. Ambos carregam em si a contradição entre os dois lugares, pois, uma vez que Ribeira das Pratas, por consequência da falta da chuva, encontra-se em deterioração, o Amazonas é visto como lugar repleto de riqueza e oportunidades:

Para mim o Brasil é Amazonas, é Mato Grosso. Digo mais ao meu amigo: para mim o Brasil começou apenas. É um grande boi onde cada um tira um naco. Por enquanto estão-lhe roendo as unhas. Mas o melhor como sabe está por baixo da pele. Brasil

será Brasil quando entrar no Amazonas... Eu vou para Manaus, a terra que bebe no Rio Negro. O que ali tem de fantástico é diferente: é cada um poder apontar para uma árvore perdida na floresta e dizer: “Aquela árvore que está vendo ali basta para fazer a fortuna duma família”. (LOPES, 1982, p. 116).

Contudo, algumas situações que Mané Quim vivencia em Porto Novo já vão enfraquecendo seu fugaz desejo de partida. Ao procurar por uma estadia pelos dias em que ali ficaria, não é aceito na mesma pensão em que seu padrinho conseguiu se hospedar, tendo que abrigar-se na casa de um conhecido, onde, ainda que só por poucos dias, não se sentia à vontade, além da saudade evidente que já sentia de sua cidade natal:

O afilhado não se sentia à vontade. Havia de habituar aos poucos. [...]  
 - Tu tens é saudade, isso sim. Deves estar com saudade...  
 - Tenho saudade da minha gente, sim.  
 - (Ora sim, pensou Joquinha). É natural, disse com brandura. Mas é uma doença à toa, O homem se habitua a arrumar a saudade a um canto. (LOPES, 1982, p. 114).

A saudade encorpa em si questões que abarcam a terra, no caso Ribeira das Pratas, como “lugar, base e meio de sua realização” (DARDEL, 2015, p. 31). Sem seu lar original, Mané Quim é acometido por forte tristeza, como comenta: “lá na ribeira deixara a sua gente, a mãe-Joja, o Jack, a Escolástica, seus bocados de terra. A saudade pegou nele como uma mão poderosa.” (LOPES, 1982, p. 137). Isto ocorre, pois Porto Novo, e muito menos o Amazonas, é a sua paisagem, pois nelas não “realiza sua existência como presença circunspeta e atarefada” (DARDEL, 2015, p. 32). Em Porto Novo, um local de transição, e no Brasil, um novo espaço a ser descoberto, novos ofícios a serem conhecidos, um novo mundo a ser concebido, Mané Quim estaria longe de tudo o que sabe fazer, seus familiares, amigos, namorada, ofício, de forma que se sente descaracterizado como ser. Logo, não demora a sentir-se apinhado nessa nova terra. Em uma conversa com seu padrinho Joquinha, percebe as mudanças necessárias que teria que fazer caso chegasse a partir definitivamente; algo que não estava disposto a realizar:

- Em S. Vicente te mando fazer dois ou três ternos – ia dizendo o padrinho ao longo da rua. E umas camisas. Tens de acostumar os pés aos sapatos. Ali na Ribeira das Pratas vocês têm a mania de andar com os pés no chão, mas não é bonito num rapaz da tua idade e da tua criação, ora sim. [...]  
 - Não gosto destas coisas.  
 A rude franqueza do afilhado no o chocou. (LOPES, 1982, p. 116).

A mudança de ambiente, que nem concretizada ainda estava, já sufocava o menino que, antes mesmo da partida definitiva, se mostra apinhado pelo novo contexto espacial em que estaria inserido. Lembremos que “o espaço, uma necessidade biológica de todos os animais, é também para seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito

social e mesmo um atributo espiritual” (TUAN, 2013, p. 77). Nessa acepção, Mané Quim já se sentia apinhado pelo seu padrinho e o espaço em que estaria, retiraria sua liberdade aos poucos: “A companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade” (TUAN, 2013, p. 78). Desde o começo da obra, vemos Joquinha insistindo pela partida de ambos, mesmo que Mané Quim demonstrasse que essa não era sua intenção. Na relação entre Mané Quim e Joquinha, vemos um forte apinhamento, pois Mané Quim se sente aprisionado pelo padrinho desde o primeiro convite para trabalhar no Brasil. Por sua causa sente que perde seu lugar. Como diz Tuan (2013, p. 78), “são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço”.

Contudo, mesmo com forte pressão velada por parte de Joquinha, Mané Quim continua disposto a iniciar uma nova vida no Brasil, de forma que ambos partem para o cais, denominado Porto Grande. Com a viagem preparada, entretanto, há a guinada principal da narrativa: Mané Quim, após muito tempo de espera e perda da esperança, observa o retorno da chuva à sua terra. Sua fé se renova, seu coração transborda de alegria, sua confiança é restaurada:

- Vou voltar para minha Ribeira.
- Bem. Ouve o meu conselho, não vás nada. É tolice crassa. Não sabes o que estás a pensar. Não deixes te enganar por um aguaceiro passageiro. E deixa dizer mais: são estas demonstrações, estes fingimentos de água, que têm trazido mais desgraça ao povo. Vocês acreditam muito depressa no que os olhos vêem. Não vais voltar para trás nada.
- Eu vou sim, vou voltar para minha Ribeira.
- Que valor tem uma chuvinha destas para a vida dum homem, rapazinho? Que valor tem, me dize? A vida não é só isso, não é só um aguaceiro que passa. Sim, que valor tem um aguaceiro para a vida dum homem?  
 Que valor tinha a água que estava caindo sobre a ilha?! Não compreendia o padrinho. Então... Mas a chuva significa tudo? Eram as nascentes a transbordar como mamas de vacas parida de fresco, era o milho a desapontar na orela das casas e nos imensos sequeiros do Norte, era a erva nova dos campos...
- Sim, continuou Joquinha cheio de persuasão.  
 Estou-te abrindo o caminho para o futuro e tu vais agora virar as costas só porque as nuvens deixam de cair um pouco de água?
- Não é uma pouca de água. Choveu toda a noite. Chuva braba. O Ribeirãozinho deve estar a transbordar até o primeiro pilar, com certeza... É lá o meu lugar agora. (Como se dissesse: “O destino do soldado é defender o seu posto”). (LOPES, 1982, p. 152).

Em um contexto social no qual a chuva representa a vida, não é rara a escolha de alguém que, completamente apaixonado por sua terra, ao revê-la, decida retornar ao seu lar. É relevante notarmos também a significação da chuva trazida por Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 235-236), quando a conceituam como “o agente fecundador do solo, o qual obtém a sua fertilidade dela. [...] Aquilo que desce do céu para a terra é também a fertilidade do espírito, a

luz, as influências espirituais”. A retomada inesperada da chuva fortifica o sentimento topofílico de Mané Quim, alguém que jamais se permitiria abandonar a tão amada ilha se não fosse a seca, desistindo, portanto, de embarcar para o Brasil prontamente.

Em uma última tentativa de convencer Mané Quim a seguir viagem ao Amazonas, o jovem declara ao padrinho: “- Meu é o que deixei lá de riba” (LOPES, 1982, p. 154). O apego e o vínculo extremamente estreito com sua terra natal se (re)fortalecem, em uma forma de louvor à terra que sempre estimou e por qual lutou por permanecer, em uma profunda forma de enraizamento, Mané Quim, por mais que tenha tentado, não se enxergava em outro lugar, ele e Ribeira das Pratas já eram intrínsecos um ao outro.

Em Porto Novo, por ser apenas um local de transição, um modo de chegar ao Brasil, Mané Quim não obteve experiências para que pudesse desenvolver algum laço com o local, pelo contrário, a não estadia junto ao padrinho, a sensação de não pertencimento e a constante saudade de casa, a qual lhe casou extrema solidão, podem fazer jus à classificação desse espaço como um não-lugar, pois estes são espaços onde há uma “tensão solitária.” (AUGÉ, 1994, p. 87).

Ao fim da obra, lemos uma carta de amor a Cabo Verde, algo esperado seguindo os moldes do Movimento Claridade, ao estima e louvar a terra-mãe com o maior dos cantos. Na presente obra, a glorificação da terra insular transparece pela figura do protagonista Mané Quim, que, ainda tentado em alguns momentos devido a todo o sofrimento inerente à estiagem, se mantém firme e esperançoso de dias melhores, no aguardo e expectativa de ver o triunfo de seu solo, em grande demonstração de topofilia.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em uma pesquisa inteiramente bibliográfica oriunda do diálogo entre os postulados da Geografia Humanista Cultural e do texto literário, tivemos como ponto de estudo a experiência do protagonista da obra cabo-verdiana a partir de sua relação com o espaço, o que nos permitiu o despertar de uma análise que visou compreender seus sentimentos telúricos e como estes influenciam em sua jornada.

A experiência geográfica em *Chuva Braba* corrobora com a importância da interdisciplinaridade na vida acadêmica, visto que, de forma automática, ainda temos a pretensão de separar cada item de estudo em uma caixinha própria, enquanto, para uma análise humanística mais profunda, uma aproximação das áreas de estudo se configura como a melhor forma de compreender a alma humana. Com vistas a uma melhor compreensão do

homem em sua condição de ser-estar-no-mundo, autores como Tuan, Dardel, Buttimer e Relph se mostraram de suma importância, pois, a partir de seus estudos, foi possível compreender o quão intrínseca é a relação homem e espaço e como modela e reconfigura tanto as nossas trajetórias, quanto a de Mané Quim.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad.: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectiva da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad.: Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad.: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

FREITAS, Luís Oliveira. **Figuração da paisagem: percepção da geograficidade em Vidas Secas e Os flagelados do vento leste**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – PGLetras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

LOPES, Manuel. **Chuva Braba**. Lisboa: Edições 70, 1982.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad.: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad.: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. Rootedness versus Sense of Place. **Landscape**, v. 24, n. 1, p. 3-8, 1980.